

Entrevista

O historiador norte-americano e professor na Universidade da Califórnia do Sul trabalhou durante cinco anos numa história da contabilidade moderna. Esta semana está em Portugal para apresentar o resultado. Chamou-lhe *O Ajuste de Contas*. Por Joana Carvalho Fernandes

JACOB SOLL

“Os contabilistas não vão para a prisão, desaparecem”

Ouvitu provocações de chefes de Estado. Muitos riram-se na sua cara quando lhes disse que estava a escrever uma história da contabilidade. Todos achavam que o tema era mau. Isso só deu mais confiança a Jacob Soll: “É inacreditável e assustador. Há 75 anos, os líderes dos mesmos países diriam que o tema é essencial para Estados saudáveis e para o bem-estar público. Agora, a maioria não sabe nada sobre contabilidade”, disse à SÁBADO o historiador de 46 anos, em conversa por skype. O livro *O Ajuste de Contas – como os contabilistas governam o mundo, desde os Médicis até à actualidade* chega às livrarias portuguesas a 20 de Novembro, editado pela Lua de Papel.

No prefácio da edição do livro em português ficamos a saber que foi preciso um terramoto – o de 1755 – para que Portugal aderisse à contabilidade moderna.

Foi preciso um terramoto e o Marquês de Pombal. Era muito inteligente, conhecia as reformas feitas em França e em Espanha e sabia que a contabilidade por partidas dobradas [método que estabelece que a cada lançamento de débito deve corresponder um crédito de

F “Os contabilistas são perigosos, sabem demasiado – ou conseguem suborná-los ou os matas”.



Sem orelhas

Carlos I de Inglaterra mandou cortar as orelhas de William Prynne, que exigia transparência na contabilidade do Estado.

igual valor e vice-versa] era fundamental para a modernização do Estado. O nível de destruição permitiu ultrapassar o feudalismo e modernizar o país: a Casa dos Contos, que funcionava com base em leis e direitos feudais, ficou destruída. Foi a oportunidade para mudar – Pombal criou o Erário Régio em 1761.

Escreve que foi a reforma mais moderna da Europa, mas que o novo sistema não funcionou.

A ideia de Pombal estava correcta: toda a gente manteria livros de contabilidade e assim era possível auditar e controlar todos os funcionários. A administração tinha de responder perante o Estado – isso é modernidade. É, ainda hoje, a estrutura da contabilidade de um Estado. Só que Portugal não tinha literacia financeira suficiente para executar a reforma: apenas a Inglaterra e a Holanda a possuíam naquela altura. Quando fizeram a sua revolução, os franceses gastaram uma fortuna a treinar contabilistas para trabalharem para o Estado.

Foi a falta de formação que fez com que se demorasse tanto tempo a perceber que o Grupo Espírito Santo ia colapsar?

Isso é parte de uma crise geral – esquecemo-nos da contabilidade. Até à Segunda Guerra Mundial, os contabilistas eram proeminentes. Se se quisesse fazer perguntas sobre uma empresa era com eles que se falava. Hoje, os comentadores financeiros ou políticos falam sobre contabilistas ou sobre contabilidade? Ainda existem jornalistas especializados em contabilidade? O que é curioso é que a imprensa moderna e financeira tem a sua origem na revelação e na publicação de livros de contas – aconteceu no Reino Unido, com a South Sea Company, empresa criada para esconder dívida pública. Os jornalistas deviam publicar os livros de contabilidade do Banco Espírito Santo: haveria um debate público sobre eles.

Tornámo-nos menos vigilantes?

Sim. O público não sabe nada sobre contabilidade, tem pouco conhecimento sobre como funciona o mundo financeiro. No geral, as pessoas pensam que todos os contabilistas são desonestos. Não sabem quem responsabilizar.

Escreveu que os contabilistas são vistos como “maçudos, subornáveis e incompetentes”. Porque é que esta mudança acontece?



Quando se ia à Ópera, em 1945, era possível identificar na frente da plateia contabilistas famosos. Agora, mesmo que haja contabilistas sentados na segunda fila, ninguém sabe quem eles são. O contabilista deixou de ter uma imagem de cavalheiro muito prestigiado para passar a ser um vendedor da classe média, sem qualquer autoridade social. Isso aconteceu em parte devido a escândalos financeiros. Por exemplo: a empresa de auditoria de Arthur Andersen foi cúmplice numa fraude que envolveu a empresa de energia norte-americana Enron. Ajudou a inflacionar os preços das acções da empresa – foi uma das mais caras fraudes nos Estados Unidos.

O que é que as evoluções tecnológicas trouxeram a esta tarefa?

Os desafios são maiores: as empresas são enormes, multinacionais, escondem coisas, há mais informação. Mas temos ferramentas. E todas as empresas imprimem os seus livros na mesma. Quando a Lehman Brothers faliu, vimos imagens dos auditores a tirarem caixas dos seus escritórios a meio da noite. O problema real é cultural. Se as pessoas começarem a gritar pelos livros de contabilidade...

Diz que “o jogo” entre contabilidade e responsabilização pode decidir o destino de uma empresa ou de uma nação. Qual é o melhor exemplo da história?

Francesco Sasseti (1421-1490), contabilista dos Médicis, foi a personagem que mais me interessou. Era um contabilista de topo, tinha sido treinado desde os seis anos para fazer contabilidade e em 1458 era o gestor principal de todo o banco dos Médicis. Mas começou a interessar-se por filosofia neoplatónica e os seus interesses culturais distraíram-no. Decidiu construir a Capela Sasseti, em colaboração com o pintor renascentista Domenico Ghirlandaio, e deixou de prestar atenção à contabilidade. Perdeu a disciplina, desistiu. Houve falências de filiais do banco e ele caiu em desgraça. Existe uma

▀ pintura famosa dele e do seu filho no Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque, que retrata o contabilista em desgraça. É a mais famosa pintura sobre contabilidade que ninguém sabe que é sobre contabilidade, foi pintada quando ele já tinha caído em desgraça.

Ainda é possível que um contabilista seja a chave do desmoronamento de um grupo económico? É sempre possível. É muito mais difícil, porque há muito controlo. Mas com frequência as empresas decidem suspender as boas práticas de contabilidade até as coisas ficarem melhores. É um jogo perigoso.

Foram os contabilistas que tornaram imperceptível o processo de falência do Lehman Brothers? Sim. Encontraram uma forma de dar a produtos financeiros tóxicos um valor mais elevado do que aqueles que eles tinham. E esses tóxicos ainda existem e ainda estão a ser vendidos. Nunca foram reformados. Se as pessoas tiverem uma formação básica em contabilidade financeira estarão muito mais alertas para estas questões.

A tarefa dos defensores de contas transparentes nunca foi fácil. Houve mesmo quem tenha perdido as orelhas nessa luta.

Pedir livros de contabilidade transparentes é muito perigoso. Há muitas histórias de pessoas que ficaram sem algumas partes do corpo por causa disso. Na Inglaterra do século XVII, Carlos I mandou cortar as orelhas de William Prynne, que chefiava uma comissão de contas criada pelo Parlamento para investigar a gestão das receitas do Estado. Também aconteceu em Roma, no tempo de Cícero. Nas suas Filípicas, ele queixou-se das más contas do vice-cônsul Marco António. Acusou-o de ter maus livros de contabilidade e de fraude. Marco António ordenou que lhe cortassem as mãos e a cabeça.

A outros entusiastas do tema, como Benjamin Franklin, as coisas correram melhor.



◉ Jacob Soll trabalhou no livro durante cinco anos. O prefácio da edição em português é dedicado ao Marquês de Pombal



Livros de ouro

Luís XIV de França transportava nos bolsos pequenos e luxuosos livros privados com a contabilidade do Estado

A contabilidade costumava ser parte da religião. Era vista como um dever elevado, equiparado ao trabalho de Deus. Benjamin Franklin era fascinado por contabilidade. Quando era administrador dos correios criou um cartaz gigante para que os clientes pudessem aprender as bases da contabilidade. Achava que toda a gente devia ter formação no tema. Mais: escreveu a sua autobiografia num livro-razão, na coluna dos débitos. Dizia aos parceiros de negócios: "Contratem sempre holandeses, não só porque sabem contabilidade, mas porque as suas mulheres também".

Houve contabilistas presos?

Na Inglaterra do século XIX sim. Mas normalmente os contabilistas não vão para a prisão, desaparecem. Por exemplo, foi através do contabilista do Al Capone, Jake Guzik – e dos seus livros de contabilidade – que apanharam o Al Capone. Guzik ficou na prisão pouco tempo. Eles são tão perigosos que a prisão não é lugar para eles. Sabem demasiado, ou conseguem suborná-los, ou os matas. O contabilista da South Sea Company foi autorizado pelo governo a fugir. Tinha o livro verde com a contabilidade secreta

– suspeita-se de que o governo britânico tivesse pago a alguém para cortar uma parede na prisão para que ele desaparecesse para sempre.

Na França de Luís XIV produziram-se os livros de contas mais pequenos e luxuosos do mundo.

Podemos dizer com segurança que são únicos e os mais luxuosos livros privados de contabilidade da história. Luís XIV levava-os nos bolsos – não sei se os tinha consigo todos os dias, mas sei que os transportava todas as sextas-feiras. Às 9h reunia-se com o conselho real e questionava as pessoas. Eram livros de contabilidade rudimentares, mas que lhe permitiam estar informado sobre as contas do Estado. Era Jean-Baptiste Colbert [ministro das Finanças] que lhes escrevia.

E quando o ministro morre ...

Luís XIV destrói os livros de contabilidade. Quando o Rei morre ninguém sabe o que se passa nas contas do Estado. A revolução francesa deve-se à bancarrota e à disfunção financeira.

Acaba por acontecer por culpa de outro contabilista, Jacques Necker, ministro de Luís XVI.

A tomada da Bastilha, a 14 de Julho de 1789, aconteceu porque as pessoas ouviram dizer que Necker tinha sido demitido do cargo de ministro das Finanças. Isso aconteceu na sequência da publicação das "Contas Prestadas ao Rei" – explicação das finanças da coroa para aquele ano. Ele era revolucionário em termos de comunicação, teve a ideia de revelar as contas ao público. Na verdade, depois foi readmitido. O que publicou não era verdadeiro, mostrava um excedente de 10,2 milhões de lívres, a moeda francesa de então, mas isso era parte do jogo. Depois disso todos os chefes de Estado mostraram as contas.

Que lições já devíamos ter aprendido sobre contabilidade?

Que esta coisa que achamos banal e estúpida é a história. É a ela que se deve o desenvolvimento do mundo Ocidental e foi por isso que colonizámos o mundo. ◻